

**O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO:
O INDIVÍDUO SCHOPENHAUERIANO E SUA RELAÇÃO ÉTICA COM O
UNIVERSO**

Ermano Rodrigues do Nascimento¹

orcid.org/0000-0003-2064-6813

Evson Ferreira dos Santos²

orcid.org/0009-0006-6572-9216

RESUMO: A reflexão, aqui desenvolvida, visa analisar os conceitos de representação e vontade em Arthur Schopenhauer (1788-1860), baseando-se na obra *O Mundo como Vontade e como Representação*, tomos I e II – no decorrer do texto usarei 2015a ou 2015b para fazer menção aos tomos I e II respectivamente –, do filósofo em questão e a contribuição de outros pensadores acerca da referida obra. Schopenhauer trabalha a relação sujeito – sua interpretação e sua interferência – e objeto no mundo enquanto discurso desse mesmo sujeito. Neste intuito, analisamos como a teoria do filósofo se mostra de forma prática no cotidiano do indivíduo. Constatamos que a vontade não é mera faculdade do indivíduo, mas uma instância atuante e dominante em todo ser, de forma que ela é considerada pelo pensador como essência do mundo e causa de sofrimento e insatisfação, deixando o indivíduo insaciável; esse mesmo mundo é pura representação do sujeito pensante. Schopenhauer foi bastante influenciado pela filosofia kantiana, entre outros, e teorizou sobre a “coisa em si” (*noumenon*) e o “fenômeno” (aparição) de forma profunda e abrangente. Ressaltamos, contudo, a importância do corpo na construção desse filosofar, sem o qual a representação e a vontade não seriam concretizadas. Além do mais, a exposição da ética schopenhaueriana é também visitada nesta reflexão, pois ela ocupa um espaço de destaque no confronto contra o egoísmo presente em todas as épocas. Eis aí uma metafísica imanente, a compaixão, o verdadeiro fundamento da moral.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Vontade. Mundo. Representação. Compaixão.

THE WORLD AS WILLINGNESS AND REPRESENTATION:

¹ Graduado em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP. Mestrado em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE e Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Porto-UPORTO, Portugal. Atualmente, é Professor Adjunto I da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia, atuando no Mestrado e na Graduação de Filosofia da UNICAP principalmente nos seguintes temas: Bioética, Saúde Pública, Educação, Cidadania, Ética e Sociedade, Estado, Democracia. Membro do Comitê de Ética da Universidade. Editor Adjunto (Coordenador) da revista *Ágora Filosófica*. E-mail: ernascimento@hotmail.com

² Graduado em Filosofia (Bacharelado) pela Faculdade Católica de Fortaleza-FCF. Mestrando em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP. Atualmente, participa do Grupo de Pesquisa em Bioética-UNICAP. Profissionalmente, atua como Psicanalista em Recife. E-mail: philo.psi2020@gmail.com

THE SCHOPENHAUERIAN INDIVIDUAL AND HIS ETHICAL RELATIONSHIP WITH THE UNIVERSE

ABSTRACT: The reflection developed here aims to analyze the concepts of representation and will in Arthur Schopenhauer (1788-1860), based on the work *The World as Will and as Representation*, volumes I and II – throughout the text I will use 2015a or 2015b to refer to volumes I and II respectively –, of the philosopher in question and the contribution of other thinkers about the work. Schopenhauer works on the relation between subject - its interpretation and its interference - and object in the world as a discourse of that same subject. With this in mind, we analyze how the philosopher's theory shows itself in a practical way in the individual's daily life. We verified that the will is not a mere faculty of the individual, but an active and dominant instance in every being, so that it is considered by the thinker as the essence of the world and the cause of suffering and dissatisfaction, leaving the individual insatiable; this same world is pure representation of the thinking subject. Schopenhauer was greatly influenced by Kantian philosophy, among others, and theorized about the “thing in itself” (*noumenon*) and the “phenomenon” (apparition) in a deep and comprehensive way. We emphasize, however, the importance of the body in the construction of this philosophizing, without which representation and will would not be realized. Moreover, the exposition of Schopenhauerian ethics is also visited in this reflection, for it occupies a prominent space in the confrontation against the egoism present in all epochs. Here is an immanent metaphysics, compassion, the true foundation of morality.

KEYWORDS: Will. Phenomenon. World. Representation. Body.

INTRODUÇÃO

O filósofo alemão, Arthur Schopenhauer (1788-1860), também conhecido como filósofo da vontade, filósofo fascinante chamado por Nietzsche de “um verdadeiro filósofo como educador” (2020, p. 15), nos presenteia com sua obra *O Mundo como Vontade e como Representação* – publicada originalmente em 1819 –, texto base para este artigo que visa analisar a teoria quase que exclusiva do pensador ao olhar para a realidade com o olhar da representação e da submissão à pulsão volitiva que “move o mundo”.

A representação é a dimensão fenomênica do mundo na qual tudo é interpretado e que tem os sentidos subjetivos como meios de captação, sentidos esses que estão inseridos num contexto sociocultural. O mundo schopenhaueriano é um fazer-efeito, matéria em constante *devoir* e que não se mostra como realmente é, pois está sob o véu da ilusão. Já a ação volitiva é o que ele entende como a coisa-em-si kantiana da qual nada escapa – inclusive os animais irracionais – porque é a essência do mundo. Essa vontade é metafísica, transcende o indivíduo

que segue em busca de locupletamento, isto é, em busca de satisfação, conhecimento e vida sendo ele – o indivíduo – a objetivação dessa vontade. Mas essa vontade – ou coisa-em-si kantiana – pode ser cognoscível, não com o pensar da tradição filosófica, isto é, racionalmente – visto que a vontade tem sublimidade em relação à razão, e isso é inaugurado por Schopenhauer –, mas de forma imediata, isto é, pela percepção do corpo como sede volitiva. Sem a percepção do corpo o ser humano não poderia acessar o querer que lhe é inerente; devido isso, a vontade e o corpo são inseparáveis.

Schopenhauer defende ainda que o sujeito, ao se relacionar com o mundo à sua volta, deve ser regido por uma ética, fundamentada por ele na noção de compaixão, sem a qual o altruísmo seria impossível e a convivência insuportável. Contudo, o objetivo dessa reflexão consiste numa análise sobre o mundo como vontade e representação, ou seja, como essência e aparência.

1 – O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO

O pensamento central da filosofia de Schopenhauer e título de sua obra magna, *O Mundo Como Vontade e Como Representação*, mostra as dimensões do indivíduo – ser humano – inserido em uma realidade em que ele mesmo é sujeito e objeto, isto é, interpreta e é interpretado.

A vontade, essência do mundo, é a mola propulsora da vida e causa de insatisfação e sofrimento. Ela é bastante conhecida na História da Filosofia em alguns “aspectos tão divergentes, sempre entra em cena como um dos últimos resultados, é para mim o que há de primeiríssimo” (SCHOPENHAUER, 2015b, p. 327). Geradora de conflito e dor, faz o indivíduo impotente diante de suas manifestações; habita em tudo e em todos. Neste artigo, conheceremos um pouco sobre o mundo como mecanismo fenomênico e a atuação da vontade nele, principalmente no indivíduo, objetivação da vontade.

O mundo é a representação do sujeito e esse mesmo o conhece e interpreta. Aliás, o ente só é capaz da tomada de consciência graças aos sentidos que possibilitam essa interação e conhecimento. Em outras palavras, o mundo é um fenômeno, é *meu* fenômeno. Nada existe sem que haja internalização por meio dos sentidos. Portanto, tudo o que existe no mundo depende do sujeito cognoscente. Evidente que o mesmo ente que interpreta o mundo é por ele afetado,

pois o ser traz consigo a bagagem do meio em que vive, sendo influenciado e influenciando o mesmo meio simultaneamente.

1.1 – O Mundo como expressão Fenomênica e a Vontade como coisa-em-si Kantiana

“O mundo é minha representação”. Assim Arthur Schopenhauer (2015, p. 3), inicia sua clássica obra, *O Mundo Como Vontade e Como Representação*. Mas, o que é representação? O que o autor entende por vontade? Segundo Alain Roger, “a representação é o mundo, tal como ele aparece no ato perceptivo, e ela se define como a relação indissolúvel do sujeito percipiente com o objeto percebido” (2013, p. 64).

Schopenhauer, a exemplo de Kant, entende que o mundo é fenômeno, isto é, como aparição está submetido ao que nossos sentidos e cérebro podem interpretar. Não podemos conhecer o mundo em si, isto é, em essência, pois não está no espaço e no tempo e, com isso, os sentidos não são capazes de captar – como sujeitos do entendimento: “torna-se-lhe claro e certo que não conhece Sol algum nem Terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um Sol, uma mão que toca a Terra; que o mundo que o cerca existe apenas como representação...” (2015a, p. 3). Não somos capazes de conhecer o “em si” das coisas, mas apenas a forma como se nos apresenta pelos sentidos e pela intuição. A representação, como o fenômeno abordado por Immanuel Kant, só pode ser entendida no tempo e no espaço.

Os seres sensíveis são os garantidores da existência/realidade do mundo e sua interpretação. Todavia, não basta termos sentidos capazes de captar o mundo à volta; é necessário que haja o intelecto, pois este exerce grande influência na capacidade interpretativa, dando aceção ao que se percebe. A completude do que o sujeito concebe “reside no interior de sua consciência” (SCHOPENHAUER, 2015a, p. 7) e, por sua vez, é submetida ao princípio de razão; um necessita do outro para conceber a existência.

A representação – obra do cérebro³ – não é fruto de um lampejo aleatório e infundado; ela parte do ente pensante que é influenciado e que o influencia dando subsistência ao objeto que não existiria sem sua ação, de modo que o sujeito pensante não existiria sem o objeto, pois ambos são partes importantes e necessárias da existência fenomênica. O objeto, todavia, é

³ No Tomo II de *O Mundo*, na página 56 da tradução aqui utilizada, Schopenhauer chama atenção para a importância das funções cerebrais na elaboração do objeto como representação.

aquilo que é conhecido e que está vinculado ao espaço e ao tempo, enquanto o sujeito que, ao contrário do objeto, é “aquele que conhece e não é conhecido” (Ibidem, p. 5), é exterior ao espaço e ao tempo. Isso se justifica porque o conhecedor do objeto é a capacidade determinante da representação e, por isso, *não é conhecido*.

Schopenhauer compreende que o objeto é afetado pelo sujeito. Este, por sua vez, concebe o objeto dando sentido a tudo o que há à sua volta; um ao outro se ligam e não podem existir separadamente nem em pensamento, pois um ao outro se dão sentido simultaneamente. A necessária relação entre sujeito e objeto garante a existência da coisa como representação, ou seja, do objeto no espaço e no tempo, pois, assim como Kant, Schopenhauer defende que a representação só é possível quando aparece no espaço e no tempo, isto é, não é possível conhecer um objeto fora da dimensão espacial e temporal. Não obstante, podemos pensar também que, como o objeto é representação e o mundo é representação, não seria também o homem enquanto ser no mundo também um objeto e, com isso, submetido à interpretação – mesmo sendo conhecedor? O sujeito “não é conhecido por ninguém”, diz nosso pensador. Ainda assim, não pode ser o sujeito alvo da interpretação de outrem? Para o pensador de Frankfurt,⁴ sujeito e corpo têm diferença bastante evidenciada, pois, diferente do sujeito, o corpo é representação.

Contudo, é relevante notar que essa relação, sujeito/objeto, tal como a representação e todo o conhecimento, não são obras do acaso, eles são impulsionados, como afirma Schopenhauer, pelo “princípio de razão” suficiente, (2003, p. 42), o que significa, “uma expressão comum a vários conhecimentos *a priori* [...] nada é sem razão porque seja” (SCHOPENHAUER, 2020, p. 35-37).

O mundo, uma vez que é espaço e tempo – faculdades apriorísticas do sujeito –, é representação. Ele só é possível para o conhecedor quando existe no espaço e no tempo: o primeiro como sentido externo e o segundo como sentido interno. Este mundo é um interminável *vir-a-ser*, um “fazer-efeito” constante, e, portanto, causalidade; não nos é conhecido como realmente é, ou seja, como *coisa-em-si* – *noumenon* kantiano. Nós o conhecemos através dos sentidos e só dessa maneira é possível conhecer os objetos como representação. Schopenhauer utiliza uma figura da cultura indiana para evidenciar seu

⁴ Lê-se Schopenhauer.

argumento de que tudo está verdadeiramente oculto aos sentidos humanos. A realidade está sob o *véu de maya*, pois este, segundo Schopenhauer, consiste no “véu da ilusão, que envolve os olhos dos mortais, deixando-lhes ver um mundo do qual não se pode falar que é nem que não é [...]” (2015a, p. 9). E, na dinâmica da representação, o conhecimento surge como fruto da relação entre sujeito e objeto. Disso resulta que o mundo, fruto da representação do sujeito, se mostra a nós e por nós é fundamentado e interpretado.

Schopenhauer apresenta uma diferença crucial entre as representações “intuitiva e a abstrata” (2015a, p. 7). Entretanto, é a abstrata que ele aponta como a responsável por “uma classe de representações, os conceitos...” (Ibidem). E, por serem exclusivas do ser humano, diferencia-os dos demais animais. Para que o sujeito obtenha da representação a devida abstração, é necessário o entendimento. Esse entendimento é a intuição do mundo efetivo, intuição essa que equivale “as representações que são dadas imediatamente na sensibilidade, sem a mediação de conceitos [...]” (SCHOPENHAUER, 2020, p. 84). O filósofo considera que a intuição, além de sensorial, é intelectual, e sem ela não se alcança o conhecimento necessário que, por sua vez, consiste no conhecimento imediato: “dentre os elementos constitutivos da cognição humana, a intuição corresponde à parte do conhecimento que é própria da faculdade da sensibilidade, cuja função é essencialmente passiva e receptiva” (Ibidem).

É importante acentuar ainda que a intuição, na perspectiva de Schopenhauer, “pode ser pura (*a priori*) ou empírica (*a posteriori*)” (Ibidem). Entretanto isso implica que, em sua concepção, vale salientar a questão que envolve a atitude reflexiva acerca da intuição. E, através disso, o autor nos mostra que:

À intuição pura (*a priori*) corresponde os elementos e as propriedades formais do espaço puro e do tempo puro, que são objetos da matemática. São formas puras que precedem logicamente a toda experiência ou toda recepção das afecções materiais provenientes dos sentidos. À intuição empírica correspondem as formas do espaço e do tempo preenchidas pelas sensações provenientes dos órgãos sensoriais, pressupondo, portanto, a experiência, razão pela qual é também denominada a *posteriori* (Ibidem).

Sem o efeito imediato, no entanto, o conhecimento intuitivo não existiria, pois é preciso que os objetos imediatos sejam cognoscíveis *a priori* para que haja o ponto de partida. Esses objetos imediatos estão em constante *devenir*, mesmo mantendo a substância, e essas mudanças são conhecidas e relacionadas com suas causas. Todavia, sem o “conhecimento puro”,

conforme Schopenhauer, não haveria intuição. O mundo como intuição surge com o entendimento da relação entre causa e efeito dos acontecimentos.

Tudo o que constatamos com o toque e/ou a visão “não é intuição: são meros dados”, dados que a intuição, com o intuito de criar o mundo objetivo, serve para fornecer base para o entendimento. Este implica na atitude que “une espaço e tempo na representação da matéria” (SCHOPENHAUER, 2015a, p. 14). Nesse sentido, ele é significado e significante, assim como o sujeito.

É imprescindível notar que Schopenhauer rompe com uma tradição antiga na filosofia onde se defendia a primazia da razão. Para ele o conhecimento é alcançado através da intuição, o primeiro passo do intelecto, pois o conhecimento puro que não necessita de experiência que se dá pelos sentidos. E o entendimento, através de sua atuação frente à lei da causalidade a qual Schopenhauer chama de “poderosa transformação, pela qual a sensação subjetiva se torna intuição objetiva” (2019, p. 133). A representação ocorre ao sujeito no espaço através da causalidade, o que implica num fazer-efeito, a matéria. Jamais a coisa em si, jamais o ser dos objetos se enquadra nessa perspectiva.

Arthur Schopenhauer, além de ser o filósofo da representação, também é conhecido como o filósofo da vontade (*wille*). Mas, sobre qual vontade o filósofo aborda? Segundo Roger, “a vontade é a instancia fundamental do sistema de Schopenhauer. Corresponde à coisa em si de Kant” (2013, p. 72). Portanto, não necessita de algo ou alguém para existir; ela é. Transcendendo sobre tudo e todos, é uma realidade metafísica e origem de todas as coisas; uma potência cega e dinâmica que move e impulsiona a vida.

Vale salientar que no tomo dois de sua obra magna,⁵ o filósofo desenvolve a ideia de vontade como impulso inconsciente. Essa vontade é extremamente importante; não é uma simples faculdade, ela “é a coisa em si, o conteúdo íntimo, o essencial do mundo” (SCHOPENHAUER, 2015b, p. 318). Para melhor abordarmos e entendermos sobre a relevância da vontade para a filosofia schopenhaueriana, convém transitarmos sobre o que é a “coisa em si” kantiana.

Vimos que o mundo é objeto/representação, isto é, fenômeno, pois se mostra ao sujeito do conhecer *a priori* no espaço e no tempo, ou seja, sentido externo e interno. Dessa maneira,

⁵ *O Mundo como Vontade e como Representação*.

e só dessa maneira, o objeto é apresentado e conhecido. Já a “coisa em si” (*ding an sich*), o *noumenon* kantiano, é a instância que não está nas formas *a priori* da intuição, espaço e tempo. Entretanto, só podemos conhecer aquilo que nos é dado, nunca a coisa em si dos objetos. O *noumenon* (*νοούμενον*), a coisa em si de Kant, é independente da experiência, existe sem necessitar da contribuição do sujeito, é ininteligível e “indeterminado de uma intuição empírica” (KANT, 2013, p. 71).

Da mesma forma que para Kant a coisa-em-si é a base fundamental do fenômeno, “a realidade efetiva” (ROGER, 2013, p. 16) não é cognoscível. Para Schopenhauer, ela se mantém sendo a base da representação, contudo, inteligível. O conhecimento da vontade/coisa em si, passa pelo fato de nos reconhecemos puro querer, seres dotados de razão, porém, vazios e insatisfeitos. Buscando preenchimentos por outros seres igualmente vazios, desejosos e desejanter. “Por sua vez, coisa em si é apenas a vontade” (SCHOPENHAUER, 2015a, p. 128). E todo o resto é apenas a aparência, a representação, a objetividade dessa vontade, manifestação do querer no mundo.

Ela, a vontade/coisa em si – essência de tudo o que há –, difere de suas manifestações. Enquanto a vontade metafísica não está submetida ao princípio de razão, ou seja, não se submete ao princípio da qual o objeto/representação é constituído, suas manifestações são exatamente o contrário. O que são essas manifestações da vontade? O que conhecemos como a faculdade humana que impulsiona o querer, pois isto não é outra coisa senão uma vontade física, individual e, dessa forma, existente no espaço e no tempo, aparência – mutável conforme a causa –, apenas manifestação da vontade metafísica una e indivisa: “una como aquilo que se encontra fora do espaço e do tempo” (Idem, p. 132). Dessa forma, podemos compreender melhor que a vontade de vida é a grande vontade, a vontade metafísica, a essência do mundo conforme já observado, e as micro vontades são desejos individuais e mutáveis, sujeitos ao tempo e espaço. Os animais e plantas como um todo são alvos dessa vontade constante, dinâmica e cega. Ela atua nas ações sem a guia da inteligência, nos movimentos mais escondidos e involuntários: “em nós, a mesma vontade também atua cegamente e de diversas maneiras: em todas as funções do corpo não guiadas por conhecimento, em todos os processos vitais e vegetativos: digestão, circulação sanguínea, secreção, crescimento, reprodução” (Idem, p. 134).

É possível observar, portanto, que a vontade em Schopenhauer é impulso de vida, “força da natureza” (Idem, p. 130), e sua manifestação no indivíduo é puro querer. Isso acontece

porque a vida é concretização de desejo, de tal forma que o autor destaca que a expressão vontade de vida não seria outra coisa senão um pleonasma, pois viver é querer, viver é necessitar, e este querer “é a base do ser” (Idem, p. 338). Recordemos que essa vontade apresentada pelo filósofo pode ser individual, ensimesmada, sem conhecimento de si, bem como transcendente, metafísica, essência do mundo, que chegou ao conhecimento de si, do sujeito do querer, pois é importante considerar essa compreensão para perceber o quanto a vontade se torna cada vez mais uma expressão significativa para Schopenhauer, no sentido de conhecer o indivíduo em sua subjetividade. Esta ocupa um lugar de destaque. Por ser superior ao intelecto, ela “é metafísica, o intelecto, físico” (SCHOPENHAUER, 2015^a, p. 243). E essa vontade é composta de duas dimensões, os motivos/causas⁶ internas e externas, podendo ser consciente ou inconsciente.

No indivíduo – isto é, no ser humano, objetivação⁷ da vontade – tudo é *devoir*, exceto a vontade – *noumenon* –, única instância imutável e metafísica do mundo composto de causalidade. Ela é a mola propulsora do universo, pois ela é vontade de vida e sem ela nada existe; ela é tudo, ela também é nada, ela é carência, vazio, falta; sua satisfação é ilusória: “é o Em si de cada aparência” (Idem, p. 434).

1.2 – O Corpo, a Vontade e a Representação

Debona inicia o quinto capítulo da sua obra, *Schopenhauer*, dizendo o seguinte: “sem o corpo não há conhecimento ou representações” (2019, p. 37). O corpo ocupa um lugar de grande relevância na História da Filosofia. Na teoria de Schopenhauer, ademais, não podia ser diferente; ele tem o devido destaque. Quando Vilmar Debona, baseado na filosofia schopenhaueriana, faz a afirmação acima, ele sinaliza de maneira objetiva que sem o corpo as sensações, percepções e interpretações obviamente não existiriam: “a ele estão condicionados todos os tipos de conhecimento do sujeito [...]” (2019, p. 37). Para Schopenhauer, o sujeito do conhecimento é aquele sem o qual o objeto não existiria, pois, “pressupõe sempre um ser que conhece” (SCHOPENHAUER, 2015b, p. 9). Isso significativamente tem um forte impacto ao

⁶ “Denomino causa, no sentido estrito do termo, o estado da matéria que, ao reproduzir outro com necessidade, sofre ele mesmo mudança igual à que provoca, que se expressa na lei ‘ação e reação são iguais’” (SCHOPENHAUER, 2015a, 134). Ao que parece, motivo e causa são sinônimos na obra do filósofo.

⁷ Jair Barboza, na obra *A decifração do enigma do mundo*, entende que “esse conceito significa o corpo tomado como concretude da vontade, a qual é sentida na consciência como núcleo mais íntimo de cada um” (2015, p. 37).

percebermos que Schopenhauer tem essa peculiaridade de buscar investigar o sentido dos conceitos no mais profundo possível para entender melhor que é o homem.

O corpo é entendido por Schopenhauer de duas formas: por um lado, como objeto que requer mediação intelectual, sensorial e empírica; no dizer do filósofo, “mera aparência” (SCHOPENHAUER, 2021, p. 151). Assim sendo, objeto mediato. Por outro, como objeto cognoscível imediatamente. O primeiro é submetido às três formas do conhecimento: espaço, tempo e causalidade, percebido empiricamente pelos sentidos.⁸ O segundo, é o corpo sentido como expressão da vontade pelos desejos e impulsos, e se manifesta apenas na temporalidade, isto é, nos sentimentos em relação ao passado, presente e futuro, sem espacialidade e sem causalidade empírica: “o corpo pertence ao mundo fenomênico; mas é o local onde ocorre uma experiência metafísica, a de minha vontade” (ROGER, 2013, p. 20); assim sendo, ele é imediato. Essas formas são inseparáveis, pois são expressões do mesmo objeto, o corpo: “ele mesmo, [...] é no todo aparência da vontade; noutros termos vontade objetivada” (SCHOPENHAUER, 2015a, p. 134).

É, pois, através das sensações corpóreas – e não apenas pela razão – que o sujeito é capaz de abstrair o mundo e interpretá-lo:

De fato, a busca pela significação do mundo que está diante de mim simplesmente como minha representação, ou a transição dele, como mera representação do sujeito que conhece, [...] nunca seria encontrada se o investigador, ele mesmo, nada mais fosse senão puro sujeito que conhece (cabeça de anjo alada destituída de corpo) (SCHOPENHAUER, 2015a, 116).

Nesse entendimento, o indivíduo que conhece⁹ está distante de ser uma *cabeça de anjo alada*. Ele é todo um conjunto de terminações nervosas, sensoriais e funcionamentos cerebrais que o levam a conhecer e a interagir com o mundo, principalmente por meio da visão e do tato. Esse mesmo indivíduo não é capaz de conhecer a coisa em si do mundo, mas sim o que ele enxerga, toca ou de alguma forma interage, pois tudo é representação.¹⁰ E essa, para ser conhecida, necessita da relação entre os sentidos e o cérebro. De fato,

de que adiante um cérebro sem olhos, braços e pernas? O mundo de nada serve para alguém em estado de coma. E mesmo uma pessoa que nascesse com cérebro, mas sem

⁸ “O que o olho, o ouvido e a mão sentem não é intuição: são meros dados” (SCHOPENHAUER, 2015a, 14).

⁹ Esse indivíduo conhecedor é necessariamente “intermediado por um corpo” (SCHOPENHAUER, 2015a, p. 116).

¹⁰ Idem, p. 3.

braços, pernas e visão, possuiria apenas uma noção confusa do mundo, e não sobreviveria por muito tempo. É preciso, portanto (no caso dos seres humanos, pelo menos), uma cabeça acoplada ao corpo, em constante colaboração com este, para então se ter de fato um mundo, isto é, objetos, representações do sujeito (BARBOZA, 2015, pp. 21-22).

O sujeito é aquele que conhece, condiciona e é condicionado,¹¹ interpreta e é interpretado porque sofre ação de fora, exercida sobre ele. E essa ação deve ser entendida, segundo Schopenhauer, como representação.¹² Ele, o sujeito, é “sustentáculo condicionante do mundo inteiro”.¹³ O corpo, como outros objetos, só pode ser conhecido de forma mediata, pois, submetido ao espaço, tempo e causalidade, é abstraído pelo conhecedor, isto é, pelo sujeito a quem está intimamente ligado, dado que um não existe sem o outro: “[...] o corpo como objeto propriamente dito, ou seja, como representação intuível no espaço, só é conhecido, justamente como os demais objetos, apenas de maneira mediata [...]” (SCHOPENHAUER, 2015a, p. 23).

Em vista disso, todo exterior ao corpo é “objeto real”¹⁴ – o corpo está inserido nesse conceito – percebido pelos sentidos; é objeto mediato – está “preenchendo espaço e fazendo efeito”¹⁵ – e, conseqüentemente, representação. Esse corpo recebe as sensações e leva-as até o cérebro, onde serão formulados os conceitos do mundo como representação, “objeto para o sujeito”. O filósofo é enfático quanto à sua teoria: não há outra possibilidade de conhecermos tudo à nossa volta¹⁶ a não ser pelas sensações. O entendimento¹⁷ só é possível graças ao auxílio do cérebro, porção corpórea indispensável nesse processo.

A segunda experiência de corpo que nosso pensador aborda é o corpo como objeto imediato. “Digo que o corpo é conhecido imediatamente, é objeto imediato”. (Idem, 23). Porém, é nessa perspectiva que o ser humano toma consciência de si como puro querer, salienta Schopenhauer (2021). O corpo como objeto imediato é expressão de vontade, pois, nele, a vontade encontra caminho livre para agir pelos desejos, impulsos, sentimentos etc., sem espacialidade e sem causalidade empírica. Tudo é vontade: alegria e dor, amor e ódio,

¹¹ “Tudo o que pertence e pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar-condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este” (Idem, p. 4).

¹² “As simples mudanças que os órgãos dos sentidos sofrem, mediante ações [...], já devem ser nomeadas representações [...]” (SCHOPENHAUER, 2015a, p. 23).

¹³ Idem, p. 116.

¹⁴ Idem, p. 22.

¹⁵ Idem, p. 8.

¹⁶ “Todos os objetos existentes são partes do mundo e por isso é “simples representação” (Idem, p. 5).

¹⁷ “Entendimento é a faculdade da representação. Estruturado pelo princípio de razão suficiente [...] seu papel é essencialmente perceptivo e pragmático” (ROGER, 2013, p. 21).

contentamento e descontentamento e assim por diante; tudo é expressão de vontade. Quanto a isso, Schopenhauer faz menção à clássica obra de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, onde ele afirma: “e muito notável que o Pai da Igreja Agostinho tenha reconhecido isso perfeitamente [...], e diz: É que a vontade está em todos os movimentos, ou melhor, todos eles não são mais que vontades. Realmente, que é o desejo ou alegria senão a vontade que consente no que queremos?” (AGOSTINHO, 2021, pp. 32-33).

A ligação do corpo com a vontade é intrínseca – nosso pensador vai definir a vontade como “paráfrase do corpo” (2015a, p. 379) –, de forma que essa age sobre aquele inevitavelmente. Ela toma consciência de si mesma “nos afetos”, sejam positivos ou negativos, nas “funções vitais”, (Idem, p. 118). Ainda, vale salientar que “o corpo é condição de conhecimento da minha vontade” (Idem, p. 119), afirma categoricamente. Essa consciência de si, ou autoconsciência, é imediata e acontece quando o sujeito do conhecer se reconhece como puro querer. O sujeito não é e não pode ser outra coisa senão pura vontade. Ela, a vontade, só pode ser conhecida no tempo, “que é a forma da aparência de meu corpo e de qualquer objeto [...] o corpo é a condição de conhecimento de minha vontade. Por conseguinte, não posso, [...] representar a vontade sem representar meu corpo” (Ibidem), destaca Schopenhauer.

Portanto, o corpo, como se pode constatar, é um elemento indispensável na filosofia de Schopenhauer. A vontade em atividade e o corpo em ação não são entidades diversas, mas uma que está ligada a outra forçosamente, tal como nos mostram as experiências de manifestações externas e/ou internas sobre o corpo causando ingerências físicas e/ou emocionais: “todo ato verdadeiro de sua vontade é simultânea e inevitavelmente também um movimento de seu corpo: ele não pode realmente querer o ato sem ao mesmo tempo perceber que este aparece como movimento corporal” (Idem, p. 117). É nesse sentido que o agir do sujeito nada mais é senão obra da vontade concretizada. Segundo Debona, “a partir daqui corpo designa vontade na medida em que cada movimento corporal corresponde a um ato volitivo, um ato da vontade do sujeito, este que não pode querer um ato sem simultaneamente perceber que tal ato aparece como seu movimento corporal” (2019, p. 39).

O corpo é concebido como objeto entre objetos e, com isso, representação de um sujeito conhecedor, isto é, de um indivíduo: objeto mediato, visto de fora, percebido necessariamente pelos sentidos no espaço e no tempo. E, como manifestação volitiva imediata, não submetido

ao espaço e ao tempo, porque, por sua vez, é na consciência de si que o indivíduo se reconhece como vontade.

1.3 – O Ser Humano como Vontade e Insatisfação constantes

O sujeito, na perspectiva de Schopenhauer, é um *animal metaphysicum*, o único capaz de “espantar-se com a própria existência” (SCHOPENHAUER, 2015b, p. 195). Neste sentido, portanto, torna-se um ser filosófico. Contudo, nem todos são capazes de observar a complexidade do existir. Um ser em constante busca e que nunca está satisfeito, por ser um ser de transcendência, teleologicamente é e será um ser que se lança sempre no aqui e no agora de sua própria história, o que, conseqüentemente, o torna senhor de si mesmo a superar as próprias adversidades. O sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918) assevera que o ser humano “está condenado a permanecer eternamente insatisfeito [...], pois a vontade não pode encontrar fora de si nada que a satisfaça” (2011, p. 16). Porém, é de se entender que ele, o ser humano, tem consciência de sua finitude, de sua incapacidade diante do poderio da natureza cujo tempo é infinito. Para alcançar recompensa agradável são precisos grandes esforços, o que naturalmente é indispensável ao ser mediante sua condição mesma de humano limitado que deseja constantemente realizar suas utopias.

A vontade domina o homem, seu pensamento e intelecto – este, concomitantemente, “está de fato a serviço da vontade”, diz Schopenhauer (2003, p. 42), e, assim, faz dele uma espécie de fantoche. Ela é considerada pelo filósofo como o que há de pior no ser humano. Ela gera dor e sofrimento causados pela necessidade constante, insatisfação e tédio; este último toma o lugar da satisfação momentânea. A vontade é imutável, pois, quando o indivíduo se arrepende de um ato, não é a vontade que muda, mas o conhecimento, a ideia de tal ato. O ser humano é objetividade da vontade. Assim como tudo o que existe, ele é fundamentalmente querer, consciente ou inconsciente. O indivíduo cognoscente – cujo conhecimento é efetivado através dos órgãos sensoriais, nervos e cérebro entre eles – diferencia-se dos demais seres pela capacidade de espanto e da possibilidade de perceber que “a vida é uma guerra sem tréguas, morre-se com as armas na mão” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 26). Essa belicosidade da vida envolve a procela da vontade.

Dessa maneira, nasce o pessimismo schopenhaueriano. A humanidade que sempre acreditou no livre arbítrio se depara agora com uma força pulsional que rege tudo e todos, o que

mais tarde inspirou Sigmund Freud na formulação da expressão: “o Eu não é senhor em sua própria casa” (2010, p. 251). Falar em Freud nesse contexto não é despropósito. Neurologista influenciado pela filosofia de Schopenhauer, o considera “grande pensador” e expõe a causa de sua admiração, “cuja ‘vontade’ inconsciente se equipara aos instintos da mente na psicanálise”. (Ibidem). A admiração de Freud por Schopenhauer não é por acaso, pois a teoria da pulsão desenvolvida pelo precursor da Psicanálise tem mais em comum com a teoria da vontade do que se pode imaginar.¹⁸ Pulsão é uma força energética que impele o indivíduo a “tender para um objetivo” (LAPLANCHE, 2001, p. 394), na maioria das vezes sob forte tensão. Essa força pulsional é cega e inconsciente como a vontade da teoria schopenhaueriana. Atua no corpo em todas as suas dimensões, vital e vegetativa, de forma irracional e continuamente conflitante e, da mesma forma como apregoa o filósofo inspirador de Freud, busca a autoconservação.

Entretanto, é nessa construção constante de entendimento da complexidade do pensamento de Schopenhauer que as questões intrínsecas à condição humana fazem com que procuremos reconhecer esse ser humano como um ser de desejo. Pois, o desejo é visceralmente falta e a essa falta o ser humano está condenado perpetuamente porque “o desejo é a própria essência do homem”, como bem argumentou Spinoza em sua *Ética* (2013, p. 285). O ser humano é uma busca constante, desejo incessante, insatisfação permanente e é isso que o move, mesmo quando o tédio é inevitável. A satisfação do querer é fugaz, todavia, uma vez satisfeito, o homem volta ao estado de falta de forma que humanamente nunca estará realizado/satisfeito, pois nunca alcançará a felicidade/realização plena.

É possível notarmos que alguns setores da sociedade orientam para uma crença por vezes pueril de que toda a vida não pode ser outra senão de pura alegria e felicidade, sem o mínimo de dor e sofrimento, levando assim o indivíduo a não questionar os reais motivos de sua ação no mundo. Algumas denominações religiosas, inclusive, alienam-no fazendo o indivíduo acreditar que parar de sofrer é a verdadeira dádiva esperada – uma autêntica falácia que conduz a pessoa a uma concepção da vida, amiúde, fora da realidade. Será mesmo que esse é o real objetivo da religião? Ponderemos que, quanto mais o ser transcende em direção ao divino, mais ele é capaz de reconhecer sua condição e a importância de viver uma ética pautada no acolhimento do *cosmos* como parte de si. A religião, que não é capaz de abrir os olhos do

¹⁸ Freud – que supostamente lamentara ter lido bastante tarde a teoria schopenhaueriana – considera que a psicanálise e a filosofia de Schopenhauer tem “profundas concordâncias” (2011, p. 148).

indivíduo para acolher compassivamente o outro, não rende culto ao divino, mas ao próprio egoísmo. A moral schopenhaueriana leva o indivíduo a transcender questionando o próprio papel na sociedade, principalmente quando setores da sociedade agem egoisticamente.

Para Jean Lefranc, há uma negação fundamental que expressa tudo isso a partir da afirmação de que “toda a antropologia de Schopenhauer gravita em torno de uma negação do tradicional dualismo, o do corpo e do espírito, e da afirmação de um novo dualismo, o do intelecto e o do querer” (2011, p. 129). O intelecto – consciência – e a vontade – inconsciência – estão, assim, em conflito constante: “o intelecto se cansa; a vontade é incansável”. (SCHOPENHAUER, 2015, p. 255). Por isso, o querer está na essência do humano e, desde a mais tenra idade, manifestamos nossos desejos através de expressões como choro, por exemplo. Antes mesmo do desenvolvimento do intelecto, a vontade já nos direciona. Alain Roger (2013, p. 74) cita E. Von Hartmann, denominando essa vontade insaciável de Pantelismo, *pan* – tudo, *ethelo* – querer¹⁹ (um termo que resume bem a vontade no homem).

Na concepção schopenhaueriana, a vida não passa de dor e sofrimento,²⁰ porque desejar é essencialmente sofrer, principalmente no que diz respeito à elevação intelectual, pois “quanto mais elevado é o ser, mais sofre” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 38). Essa teoria nos traz à tona Blaise Pascal (2005), pensador do século XVII que, em sua obra *Pensamentos*, compreende que a vida é uma perpétua ilusão e adulação uns aos outros. Essa visão de homem muito nos chama a atenção, uma vez que ambos defendem o ser humano por viver numa luta constante e persistente em busca da tão utópica felicidade. Contudo, o que move o sujeito pascaliano é a busca por Deus, enquanto para nosso filósofo o que move o indivíduo é a vontade. A vida do ser humano é uma belicosidade constante não só contra as agruras da vida, mas também contra seus próprios impulsos, como garante Schopenhauer: “em toda parte encontra-se um adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão” (2014, p. 26). Tendo em vista que somos seres em permanente estado de conflito, a vida é desejo sem satisfação, a vida é um constante ansiar sem ser saciado, um obstinado buscar sem jamais alcançar; é uma eterna frustração como consequência das mais diversas expectativas.

¹⁹ Com essa citação, Roger nos chama a atenção para distinguirmos a vontade – essência do mundo – “do panteísmo, que Schopenhauer recusa” (2013, p. 74).

²⁰ Parafraçando Schopenhauer sem saber, o nordestino diz: “a vida é só aperreio!”. Aperreio é o mesmo que incômodo, sofrimento, aborrecimento. Frase que é muito comum ser ouvida, principalmente entre as pessoas que carecem do básico para a sobrevivência.

Entendamos que a vida humana é isso: dor e tédio, conforme o “pêndulo” schopenhaueriano que oscila entre este e aquele. Quando não se possui o que deseja, sofre, e quando possui entedia-se e passa a desejar novamente; e, assim, cria-se um novo objeto do querer. Mesmo nas fadigas diárias, apesar da finitude da existência, o ser humano segue vivendo, pois algo o move: a vontade de vida. Contudo, “o medo da morte, que nos leva a apegar-nos à vida, apesar de todas as misérias desta, é, propriamente dizendo, ilusório: mas igualmente ilusório é o impulso que nos atrai à vida” (SCHOPENHAUER, 2015b, p. 678).

É sabido que “todo querer é erro”, afirma Schopenhauer (2015, p. 728), e tentar fugir dessa força volitiva é cair num mar de dor e frustração, uma luta sem ganho, uma guerra perdida. Porém, o que nosso filósofo propõe como alternativa para os anseios humanos? Esta é uma discussão que perdura, pois a insegurança e a incerteza humana deixam o homem mais fragilizado ou mais ativo e impulsionado à guisa de solução, superação das situações-limite. Entretanto, uma das formas mais eficazes para a superação da vontade, proposta pelo filósofo, é a negação de si pela ascese, isto é, abnegar do próprio querer – que não visa outro objetivo senão a satisfação pessoal, portanto, egoísmo – pelo benefício do outro, por exemplo. Abnegar-se, renunciar os próprios interesses pelos dos outros parece um pensamento utópico numa sociedade em que o capital é quem dá as ordens ou que as práticas egoístas são normalizadas em nome do tão sonhado status social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para alguns, a filosofia de Schopenhauer pode parecer um irremediável pessimismo, porém, ela é uma seta que aponta para o respeito e colaboração mútuos. Ao propor que o mundo é representação de um ser pensante, nosso filósofo sugere que a subjetividade de cada indivíduo deve ser levada em conta, podendo este interpretar o mundo como seus sentidos propõem. Quando o filósofo apresenta a vontade, ele nos faz entender que ela é o princípio impulsionante, não a razão como acreditavam e acreditam alguns. Ela, como impulso cego, inconsciente e irracional não tem obrigação alguma de ser lógica, o que nos faz crer, em outras palavras, que a vida não tem sentido.

Schopenhauer é bastante atual e sua ética pode ser entendida como uma das melhores teorias na contemporaneidade para o bem viver. A compaixão – virtude proposta para romper

as teias do egoísmo – é defendida por ele como fundamento da moral sem a qual não haverá justiça social. Ela é a base para uma sociedade mais justa e igualitária. A compaixão não admite sentimentalismos ou mesmo o vil comportamento egoísta de usar o outro como um meio para se atingir o status social. Ela, como capacidade de sofrer com, implica em doação, entrega, compreensão, partilha nas dores e sofrimentos do outro numa tentativa de eliminá-los.

O indivíduo schopenhaueriano está sempre desinteressado em buscar os benefícios próprios; sua ação aspira unicamente o benefício do outro. Assim sendo, podemos vislumbrar o pensamento de Schopenhauer – entre outras interpretações – entendendo que não somos senhores ou senhoras do mundo, pois, se assim agirmos, imporemos nossas ideias ou modo de agir sem considerar a individualidade de cada ser. Isso nos leva à compreensão das implicações que nos propõe a questão central da vontade e da representação num contexto relacional do qual necessitamos cada dia mais interagir com os demais na construção de um mundo mais ético.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Paulus, 2015. Coleção Como Ler Filosofia.

DEBONA, Vilmar. *Schopenhauer*. São Paulo: Ideias e Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil: (“o homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad.: Fernando Costa Mattos. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (Coleção pensamento Humano).

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário de psicanálise*. Trad.: Pedro Tamen. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos: vida e obras*. Consultoria de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

ROGER, Alain. *Vocabulário de Schopenhauer*. Trad.: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2013. (Coleção Vocabulário do Filósofos).

SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo: o amor, a morte, a arte, a moral, a religião, a política, o homem e a sociedade*. Trad.: José Souza de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do belo*. Trad.: Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo I. Trad.: Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo II. Trad.: Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente*. Trad.: Oswaldo Giacoia Junior e Gabriel Valladão Silva. Campinas: Unicamp, 2020.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a liberdade da vontade*. Trad.: Lucas Lazarini Valente e Eli Vagner Francisco Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2021.

SIMMEL, Georg. *Schopenhauer e Nietzsche*. Trad.: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. 3º ed. Trad.: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Informações complementares:

Recebido em: 11 de março de 2023

Aprovado em: 15 de junho de 2023

Publicado em: 25 de junho de 2023